

Índice

2 Cheias de maio ampliam debate sobre seguros no Brasil

3 Resgates viraram emergenciais na Previdência Privada

4 Ameaças do clima: RS vira case para o setor

5 Tipos de seguros no Brasil

6 Arrecadação de seguros em 2024 é 11% maior que em 2023

7 Alta da Selic torna Previdência Privada mais atrativa?

8 Adesão digital estimula avanço acelerado do segmento

9 Curva do mercado deve se alterar, antecipando tendência

10 Modelo de Previdência brasileiro terá que ser revisto devido à Inteligência Artificial

11 Que lição fica ao mercado após a tragédia climática?

Expediente

Editor-chefe: Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br)

Editor-executivo: Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br)

Editora de Economia: Fernanda Crancio

Reportagem: Loraine Luz, Osni Machado e Cláudio Isaías

Diagramação: Gabrieli Silva, Ingrid Müller, Luis Gustavo Van Ondheusden

REPORTAGEM ESPECIAL

Cheias de maio ampliam debate sobre papel dos seguros no Brasil

Em cinco meses, os pagamentos superam os R\$ 6 bilhões em quase 58 mil pedidos

Loraine Luz, especial para o JC

Dando forma e números sem precedentes ao chamado risco climático, a enchente histórica e catastrófica de maio, no Rio Grande do Sul, trouxe à tona o papel do setor de seguros no País bem como reflexões sobre a capacidade de proteção desses mecanismos. Com 150 associadas no Estado, a Confederação Nacional das Seguradoras (CNSeg) vem divulgando, regularmente desde maio, relatórios específicos sobre indenizações relacionadas à enchente.

Em cinco meses, os pagamentos superam os R\$ 6 bilhões em quase 58 mil pedidos. Para o presidente da CNSeg, Dyogo Oliveira, a depender de novas solicitações relacionadas principalmente aos seguros de Grandes Riscos, que requerem mais tempo de análise, as indenizações podem chegar à marca dos R\$ 8 bilhões, superando os R\$ 7 bilhões pagos durante o período da pandemia por Covid-19.

“Foi, sem dúvida, o maior sinistro decorrente de um único fato na história do Brasil”, atesta André Thozeski, presidente do Sindicato dos Corretores de Seguros do Rio Grande do Sul (Sincor-RS), para quem o setor provou sua relevância, demonstrando agilidade de até 48 horas na maior parte dos pagamentos.

Opinião compartilhada por Guilherme Bini, presidente do Sindicato das Empresas de Seguros do Rio Grande do Sul (Sindseg-RS): “O segmento de seguros cumpriu um papel social preponderante, devolvendo à sociedade uma parcela considerável de recursos que, dessa forma, não precisaram ser desembolsados pelo setor público”. Para o dirigente, o evento traumático demonstrou ainda a importância da fiscalização exercida pela Superintendência de Seguros Privados, assegurando que as seguradoras pudessem responder à demanda a partir de reservas técnicas rigorosamente alinhadas com o comprometimento de suas capacidades de indenização.

Pelo menos dois debates no setor se atrelaram fortemente ao sinistro no Estado. Um deles é a pouca adesão ao recurso. A razão



De acordo com o Sincor-RS, menos de 30% dos veículos, residências e empresas têm seguro contratado no País

é cultural, para Bini, que compara: “Somente em 2023, os brasileiros gastaram cerca de R\$ 60 bilhões em sites de apostas, o que representa cerca de 15% dos valores pagos em seguros. Isso denota o quanto a cultura do seguro ainda tem muito a avançar na nossa sociedade”, comenta o líder do Sindseg-RS.

Thozeski se mostra mais impressionado: “É alarmante a quantidade de cidadãos que ainda não têm seguro. O Brasil tem um dos menores índices de adesão aos seguros do mundo. Por que no ‘primeiro mundo’ as pessoas têm maior consciência da importância do seguro? Onde estamos falhando nesta ‘evangelização’?”, questiona o representante do Sincor-RS.

De acordo com a entidade, menos de 30% dos veículos, residências e empresas têm seguro contratado no País. Thozeski acrescenta que, ainda assim, o Estado se destaca: “Cerca de 8% do total de valores arrecadados pelo setor de seguros no País, todos os anos, é de contratos gaúchos”. São Paulo responde por cerca de 39%, Rio de Janeiro com 9,8% e Minas Gerais logo atrás, com 8,6%.

Superintendente de sinistros da Bradesco Seguros, Márcio Jordão afirma ter havido um aumento na demanda por coberturas contra desastres naturais motivada pela catástrofe de maio. “A situação evidenciou a vulnerabilidade de muitas propriedades e, como resultado,

muitos segurados estão mais conscientes da importância de se proteger contra eventos climáticos extremos”, afirmou ele.

Jordão ressalta, porém, que a cobertura para enchentes ainda é subcontratada, especialmente no Seguro Residencial. “Em um contexto em que os desastres naturais se tornam mais frequentes e intensos, a proteção da residência não é apenas uma medida prudente, mas essencial”, acredita. A empresa contabilizou no Estado, no primeiro semestre (último balanço divulgado), o total de R\$ 165 milhões em indenizações, com destaque para segurados de Porto Alegre, Canoas e São Leopoldo.

Uma oportunidade de ampliar a conscientização também foi percebida pela Sabemi Seguradora: “Ficou claro que empresas e indivíduos devem estar mais atentos à necessidade de proteção adequada. O mercado segurador tem um papel crucial, não só na recuperação financeira, mas também na prevenção e mitigação de danos”, afirma Rodrigo Pecoraro, diretor-executivo de seguros da empresa.

Por outro lado, mesmo que a alternativa não esteja sendo usada em toda a sua potencialidade, o risco climático desafia o setor no sentido de se obrigar a rever os produtos que dispõem e avaliar o quanto estão aptos a responder diante de eventos naturais extremos, de grande amplitude. Os danos não

podem ser subestimados.

“Daqui pra frente deve-se intensificar a oferta, tanto por parte das seguradoras como dos corretores de seguros, de coberturas com maiores abrangências e aptas a cobrir eventos extremos”, acredita Bini. “Na parte de produtos, a experiência que se leva dessa enchente é a de que se deve intensificar a oferta de coberturas para eventos climáticos, trabalhando na criação de produtos com uma boa cobertura e preços compatíveis”, conclui.

Pecoraro ratifica que o episódio também serviu como alerta para o desenvolvimento de novos produtos voltados a desastres naturais, essenciais para enfrentar os desafios climáticos futuros.

A longo prazo, as tendências visualizadas para o setor prometem respostas mais precisas e completas, capazes de se adequarem ao cenário envolvendo intempéries como a enchente gaúcha. “Com tecnologias como inteligência artificial e big data, as seguradoras poderão oferecer soluções sob medida, atendendo às necessidades dos consumidores de forma mais ágil”, lembra.

“Os seguros sob demanda, que permitem coberturas temporárias e ajustáveis, atenderão especialmente as novas gerações, que buscam praticidade. A inclusão de camadas da população de baixa renda, com soluções acessíveis como microsseguros, também será uma tendência”, acrescenta Pecoraro.

EVANDRO OLIVEIRA/JC